DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NA MINERAÇÃO

Aluno-autor: Anderson Leonardo S. e Silva[1]
anderson.silvaifpa@gmail.com

Prof.-orientador: Dr. Haroldo Bentes[2]
haroldo.bentes@ifpa.edu.br

1 – IFPA, Campus Belém; 2 – IFPA, Campus Belém

Resumo

Este trabalho objetiva analisar a inclusão de pessoas LGBTQIA+ e mulheres nas empresas de mineração, e ao fazer pesquisas sobre o assunto especifico foi sentido certa carência de pesquisas cientificas nas questões de diversidade sexual e de gênero na mineração. Sabe-se que ainda existem grandes taxas de LGBTfobia e machismo, pessoas que se acham superiores pelo fato de serem homens cishéteros, e têm esses preconceitos baseados em crenças e religiosas e culturais, esses seres talvez por ignorância, talvez por não terem tido oportunidades de ter esse conhecimento acabam tratando mal essas pessoas, pela falta de respeito, com piadinhas sem graça e até mesmo assédio.

Palavras-chave: diversidade sexual; gênero; mineração; inclusão.

Introdução

A diversidade sexual e de gênero no mercado de trabalho vem sendo discutida há um tempo. Na Mineração não seria diferente, onde até alguns anos, a área era vista como um trabalho exclusivamente para homens cishéteros, sem lugar para mulheres e pessoas LGBTQIA+, pois era um trabalho dito pesado, onde somente pessoas do sexo masculino teriam capacidade de executar as atividades exigidas. Porém, nos dias de hoje sabe-se que é totalmente ao contrário e as pessoas desses grupos estão cada vez mais sendo incluídas na área, de acordo com suas capacitações. Têm-se como objeto de estudo comunidade LGBTQIA+ e as mulheres que querem estão no mercado da mineração. O problema é: como esses grupos são incluídos no meio profissional?

Justificativa

Este trabalho foi construído em razão de estudar as bases da iniciação científica, no ensino médio integrado, como iniciativa da disciplina FILOSOFIA III, onde o professor desafiou estudantes a ter iniciativa de pesquisador, todas as etapas da iniciação científica foram remotas, pois, vive-se um contexto pandêmico (*COVID*-19) e todos os encontros presenciais foram cancelados. Este tema foi escolhido pela carência de produções textuais sobre Diversidade sexual e de gênero na Mineração.

Fundamentação Teórica

Dialoga-se com alguns autores para melhor entendermos a diversidade no ambiente do trabalho.

Mesmo sendo uma discussão relativamente nova, existem diversas informações no que diz respeito à identidade de sexo, gênero, identidade de gênero e sexualidade. Não buscar esse conhecimento em meio a tantas pesquisas feitas, pode trazer diversas suposições muitas vezes equivocadas, considerações preconceituosas e de opressão.

“A identidade de gênero diz respeito a como a pessoa se sente e se percebe em relação ao seu gênero. É um sentimento e um sentido profundo sobre si mesmo. Sua identidade de gênero pode ser feminina, masculina, trans., travesti ou ainda pode ser designada como mulher, homem, mulher trans., travesti, homem trans., não-binário, entre outras possibilidades. Alguns dos termos que procuram caracterizar identidades diversas de gênero são: “cisgênero” e “transgênero”. A orientação sexual se refere ao desejo afetivo-sexual, romântico ou não-romântico que uma pessoa tem por outra. Essa orientação pode, entre outras definições, ser homossexual,

[1] Aluno concluinte do Ensino Médio Integrado, curso de Mineração, disciplina Filosofia III, 2020/1.
[2] Professor de Filosofia no IFPA Campus Belém, Doutor em Educação brasileira.

heterossexual, pansexual ou bissexual. Existem ainda outras modalidades de orientação sexual, como assexual e demissexual." (BERNARDINO, 2020, p. 02).

"Sexo é um conjunto de características físicas oriundas de uma combinação cromossômica. Basicamente se relaciona com a existência dos órgãos genitais (pênis, vagina, ambos ou nenhum deles) e com o conceito de macho (homem), fêmea (Mulher) e intersexo." (ALENCAR, 2018, p. 02).

"Ao adentrar o estudo dos direitos sexuais, um dos temas mais recorrentes é o da Homossexualidade. Em que pese à clássica declaração do historiador Colin Spencer (1999, p. 10) – "[...] Em minha opinião, a homossexualidade não deveria ser explicada, ela apenas existe". O que precisa ser investigado é a opinião que as várias sociedades sempre tiveram sobre ela" – o ser humano costuma temer o que não compreende e, consequentemente, ataca o que teme. Tal modo de encarar o mundo pode ter garantido a sobrevivência humana como espécie nas eras iniciais da história da humanidade, mas se faz necessária, no tempo presente, a maior disseminação do conhecimento adquirido, a fim de romper barreiras e preconceitos arraigados nas estruturas sociais dos povos. Restando uma análise mais profunda das raízes históricas e culturais que acabaram por criar uma cultura de homofobia e transfobia em nossa sociedade, cabe trazer a lume uma sucinta exposição da ideia, oferecida por Paulo Roberto Iotti Vecchiatti (2012ª) quanto ao modo pelo qual as diferentes sociedades enxergaram as questões atreladas à diversidade sexual. O autor pondera que, em muitas culturas antigas, atos homossexuais eram tidos como parte comum do cotidiano – desde a iniciação à vida adulta de jovens de algumas tribos, que mantinham relações sexuais com membros mais velhos de suas comunidades, como forma de transmitir conhecimento e virilidade, até a estimulação de relações homoafetivas entre soldados espartanos na Grécia Antiga, por exemplo, que visava à criação de laços mais fortes entre os soldados. O fato de que homens realizassem atos sexuais com outros homens não era condenado moralmente, desde que em outras áreas as pessoas demonstrassem virilidade e competência.

Essencialmente, sempre foi o machismo a raiz de todas as formas de discriminação relacionadas à sexualidade, dado que o conceito, de cunho filosófico-social, prevê a supervalorização do gênero masculino enquanto líder e representante mor de autoridade." (ABÍLIO, 2019, p. 22).

Uma sociedade cujo machismo está enraizado, onde desde a infância meninos são ensinados que são superiores a mulheres, ou pessoas que pendem mais para o lado feminino, de uma masculinidade intocável (frágil), é mais trabalhoso se fazer uma mudança, principalmente por muitas pessoas terem a síndrome de Gabriela (Eu nasci assim, cresci assim, vou morrer assim.), Acabam não se abrindo para ampliar seus conhecimentos, não querem mudar comportamentos, pensamentos, e etc..

"Em Esparta, quando o menino entrava em apuros, as autoridades procuravam, como responsável, o seu erastes e não o pai. Era esta característica de muitas sociedades guerreiras. Havia entre eles o costume do guerreiro, entre 18 e 25 anos, manter em sua companhia um menino, com o qual copulava entre as coxas, não uma mulher, uma vez que não eram permitidas no acampamento. Quando seu período de serviço militar era concluído, o jovem presenteava o menino com armas, um escudo e lança, e depois partia e se casava. Em outras palavras, com os gregos, ele passava por uma fase homossexual, que a um ponto socialmente determinado era interrompida, e depois tornava-se heterossexual.". (ANDRADE, 2018, p. 68).

Ao contrário do que se era visto, por exemplo, na antiga sociedade grega, onde se via de maneira normal relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, como praticas pontuais nos período de guerras, como forma de atender necessidades meramente instintivas, e por vezes, de iniciação sexual, por exemplo, os

espartanos mantinham relações sexuais com homens, pois mulheres não eram permitidas nos acampamento de treino para guerra, porém em um determinado momento retornavam para a cidade e tinham que construir sua família para gerar futuros soldados.

Nas próprias palavras de Marx e Engels (1977, p.46), "desde a divisão natural do trabalho na família dá-se uma distribuição desigual, tanto quantitativa quanto qualitativamente, do trabalho e de seus produtos". É na família que já se encontra a primeira forma da propriedade privada, na qual a mulher e os filhos são propriedade e escravos do marido. Assim, o discurso da inferioridade feminina serve a interesses determinados. A historicidade das relações sociais permite compreender a família como um fenômeno social e a divisão social do trabalho no espaço reprodutivo como uma forma de divisão sexual entre as ditas funções femininas e masculinas.

A ênfase desta divisão do trabalho recai sobre a suposta condição biológica e natural de direcionamento de determinadas tarefas às mulheres, em geral circunscritas ao entorno do lar e dirigidas à produção para o consumo do grupo familiar, à reprodução da espécie e ao cuidado das crianças, dos velhos e dos incapazes, enquanto que as atividades de produção social e de direção da sociedade, desempenhadas no espaço público, são atribuições masculinas.

É segundo essa divisão sexual do trabalho que as mulheres aparecem envolvidas no trabalho cotidiano requerido pela reprodução biológica e social da sociedade humana, como seja o que decorre do nascimento de novos seres humanos e da manutenção de determinadas condições necessárias aos seres vivos para sua sobrevivência. (ROCHA e FERREIRA, 2006, p. 33)." (QUIRINO, 2011, p. 52). Por muitos anos as mulheres foram silenciadas, temente e serva de seu marido por uma questão sociocultural de uma sociedade machista e patriarcal, passando por agressões físicas, verbais e psicológicas. Suas rotinas eram essas, acordavam mais cedo que o marido para preparar seu café da manhã, limpava a casa, lavava as roupas, depois preparava as principais refeições e tinha que ser tudo perfeito e adorável para quando o "patrão" chegar.

Muitas eram abusadas sexualmente pelo seu cônjuge, pois a mulher era vista como da empregada da casa e o objeto de satisfação do marido, não tinha nem conversa, como: "hoje eu não quero.", tinham que os satisfazes de acordo com as suas "necessidades". Muitos anos de passaram, muitas mulheres tiveram o seu sangue derramado e foi então que surgiu uma globalização, após esse acontecimento, inúmeras mulheres pararam de ser somente uma empregada, passaram a estudar, muitas se formaram e foram para o mercado de trabalho, e tudo isso é recente, ainda vemos caso de machismo no ambiente de trabalho, um preconceito, porque existem os que dizem: "isso é serviço de homem, aquilo é de mulher", separadamente, o que não passa de equívoco. Mulheres são capazes, sim, de estar em um ambiente onde por muitos anos foram considerados trabalho de homens, geralmente cishéteros, como é o caso da mineração, por ser uma atividade com equipamentos enormes, exploração de reservas, alguns trabalhos que exigem força e etc.

Metodologia

Para a realização deste trabalho foram feitas algumas pesquisas com base no que a psicologia fala sobre identidade de gênero, sexo e orientação sexual. Alguns estudos sobre os direitos das Lésbicas, Gays, Bissexuais, transexuais+ no mercado de trabalho, produções textuais sobre o lugar das mulheres na mineração, acesso matérias em sites e a realização de uma entrevista por meio de áudio no Whatsapp com Ariadne Lima egressa de Engenharia de Minas da UFPA.

Resultados e Discussões

A partir das pesquisas feitas no presente trabalho, nota-se que, ainda tem muita luta pela frente da comunidade LGBT+ e das mulheres no mercado da mineração, porém em vista de que há alguns anos isso não era nem

discutido ou possibilitado, estamos em uma crescente no processo de desconstrução das nossas heranças socioculturais no sentindo de pensamentos.

Observa-se que as empresas estão se inteirando do assunto, se desconstruindo, nos dias de hoje já é possível ver mulheres e pessoas LGBTQIA+, pessoas sem medo de se expressar em cargos de alto escalão. Infelizmente, ainda existe discriminação, Mas existem diversos estudos e debates construtivos no ambiente da mineração, para se tornar um local seguro e inclusivo para todas, todos e todes.

De acordo com Ariadne, egressa entrevistada: "... As mineradoras maiores estão em uma corrida contra o tempo para se inserirem nessa questão de inclusão das diversidades, só que elas estão fazendo de uma forma extremista, direcionando vagas específicas para mulheres, já ouvi de pessoas de dentro das mineradoras, que se fosse mulher, negra e LGBTQIA+ era quase 100% de certeza que seria contratada, e isso não é legal, porque a gente acaba que vai sofrer as consequências, você tem que preparar o seu público, seus funcionários primeiro, fazer com que tenham o entendimento de que as pessoas são iguais, que as oportunidades sejam iguais, e deve prezar pela equidade, ou seja, uma pessoa não pode ser nivelada a outra, sendo que ela tem dificuldade e outra não. Por exemplo, às vezes você não tem banheiro feminino, então a tendência é contratar homens, são vários fatores, então você primeiro tem que preparar o seu público interno, seus colaboradores, suas instalações, a consciência das pessoas. Porque, quando entrasse uma mulher, ou um gay, ou um trans., ou o que quer que seja a comunidade interna iria respeitar esses, acolhê-los, incluí-los, ouvi-los. E da maneira que está acontecendo, pode ser que essa pessoa que entre em uma vaga exclusiva, não seja vista de forma legal, pode ser que vaze na empresa, que aquela pessoa entrou naquela vaga porque é mulher, negra, LGBT+, enfim. Mas, que eles estão avançando nas conquistas é uma realidade. Não sei se é a forma mais correta.".

Conclusões

A orientação sexual e identidade de gênero não dizem respeito a ninguém e, ao mesmo tempo diz respeito a todos, no sentido de respeitar o semelhante, o diverso de mim, que tem tanto direito quanto eu de ser o que é, e de se expressar e etc.. É preciso deixar de lado nossas crenças nesse momento e termos empatia, olhar para o próximo e perguntar: Eu gostaria de sofrer abusos e às vezes agressões por ser fora do padrão estabelecido pela sociedade? Provavelmente não. Precisamos criar métodos e formas de acolhimentos às pessoas desses grupos, estes precisam ter mais oportunidades e serem incluídos, a sexualidade de uma pessoa não interfere em sua inteligência e habilidades. Hoje há vários estudos, que apontam as sexualidades diferentes da heterossexualidade, como algo normal, não é nem uma doença ou algum tipo de distúrbio.

Ser mulher não significa ser frágil, como muitos pensam e julgam as mulheres não são menos inteligentes que os homens, elas têm total capacidade de trabalhar em qualquer ambiente, o que acontece é que por uma questão de medo de se sentirem isoladas e oprimidas por estar em um ambiente "masculinizado" algumas deixam de lado sua vontade de trabalhar nas empresas de mineração, afinal, vivemos em uma sociedade machista, onde por muitas vezes as mulheres são vistas como objetos sexuais, como incapacitadas de gerenciar algo, de dirigir, entre as inúmeras falas sexistas.

Referências Bibliográficas

BERNARDINO, Matheo. **Psicologia, sexualidade e gênero:** identidade de gênero e orientação sexual é a mesma coisa? Disponível em: https://blog.psicologiaviva.com.br/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/amp/. Maio de 2020. Acesso em: 21 nov., 2020.

ALENCAR, Paulo. **Entenda a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual**. Disponível em:

psicologopauloalencar.com.br/entenda-a-diferenca-entre-sexo-biologico-identidade-de-genero-expressao-de-genero-e-orientacao-sexual/?amp=1. Acesso em: 21 de Nov., 2020.

ABÍLIO, A. G. M.. **Diversidade sexual e de gênero nas relações de Trabalho:** afirmar direitos e promover inclusão / ADRIANA GALVÃO MOURA ABÍLIO. – São Paulo: [s.n.], 2019. Acesso em: 21 de Nov., 2020.

ROCHA, Cristina. FERREIRA, Manuela. **As mulheres e a cidadania:** as mulheres e o trabalho na esfera pública e na esfera privada. Lisboa: Horizonte, 2006. Acesso em: 22 de Nov., 2020.

QUIRINO, Raquel. **Mineração também é lugar de mulher**: desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro. – Belo horizonte, 2011. Acesso em: 23 de Nov., 2020.

Vale S/A. **Dia Internacional contra a LGBTIfobia:** conheça as iniciativas e os desafios da Vale em busca de diversidade na empresa. 15/05/2020. Disponível em: http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/dia-internacional-contra-a-LGBTIfobia-conheca-as-iniciativas-e-os-desafios-da-vale-em-busca-de-diversidade-na-empresa.aspx. Acesso em: 23 Nov., 2020.

ANDRADE, T. S. M. **O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga**:. Faces da História, v. 4, n. 2, p. 58-72, 3 jan. 2018. Acesso em: 02 de Dez., 2020.